

MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, POR MEIO DA SECRETARIA DA CULTURA, ECONOMIA E INDÚSTRIA CRIATIVAS E FUNDAÇÃO OSESP APRESENTAM

o s e s p

Temporada 2026

Revista

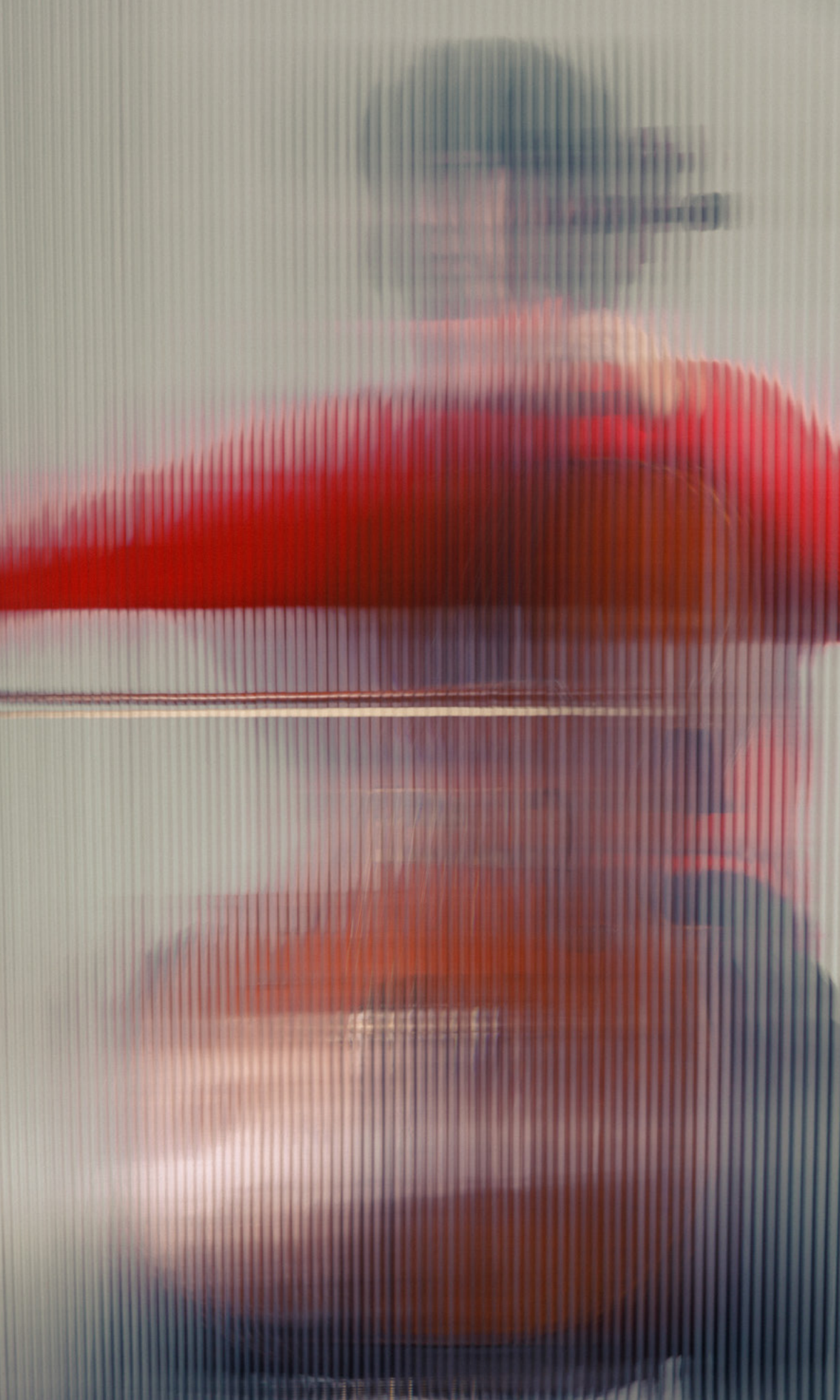
Uirapuru

26 de abril

2026

São Paulo

Ano 1 – nº 12



Amores impossíveis

O casal Schumann — Clara e Robert — e Johannes Brahms formam o mais popular triângulo amoroso da música de concerto. Os compositores se conheceram de forma inesperada e, quando Brahms bateu na porta do casal, eles se impressionaram com seu prodigioso talento. Uma íntima e genuína amizade nasceu e, enquanto Johannes e Robert compunham, Clara estreava suas obras brilhantemente ao piano — sem deixar de lado suas próprias composições.

Teriam sido tempos perfeitos, repletos de inspiração e do nascer de profundos afetos, se uma tragédia não os houvesse logo cercado: Robert ficou cada vez mais doente, e decidiu acabar com a própria vida. Internado em um hospital psiquiátrico, não fez mais aparições públicas e sua carreira acabou findando. Brahms passou a frequentar intensamente a casa Schumann para ajudar Clara, à época com sete filhos e grávida do oitavo, e o inesperado aconteceu.

Uma paixão avassaladora o acometeu, até hoje não se sabe se correspondida, marcada nas sutilezas — ora admitida em tímidas meias-palavras através de cartas, ora intensa e explicitada em notas musicais. O concerto de câmara desta noite cerca os *Amores impossíveis*, sejam aqueles que se encerram na morte ou os que jamais puderam ser concretizados.

26 de abril

domingo

18h

Estação

Motiva

Cultural

Quarteto Poesis

Carolina Kliemann violino

Maria Angélica Cameron viola

Maria Luísa Cameron violoncelo

Fernando Tomimura piano

Amores impossíveis

ROBERT
SCHUMANN
1810–1856

Quarteto para piano em Mi bemol maior, Op. 47
1842

1. Sostenuto assai — Allegro ma non troppo
2. Scherzo: Molto vivace
3. Andante cantabile
4. Finale: Vivace

28 minutos

CLARA
SCHUMANN
1819–1896

Três romances para violino e piano, Op. 22
1853

1. Andante molto
2. Allegretto: Com expressão delicada
3. Rapidamente e com paixão

10 minutos

JOHANNES
BRAHMS
1833–1897

Quarteto para piano n.º 1 em sol menor, Op. 25
1861

1. Allegro
2. Intermezzo: Allegro ma non troppo
3. Andante con moto
4. Rondo alla zingarese: Presto

39 minutos

Quarteto para piano em Mi bemol maior, Op. 47
1842

Ao longo do século XIX, poucos vínculos artísticos foram tão intensos, duradouros e complexos quanto aquele que uniu Robert Schumann, Clara Schumann e Johannes Brahms. O que os aproximava ia além de um simples triângulo amoroso: era uma rede de admiração, afinidade intelectual e afetos que jamais encontraram resolução simples. Robert e Clara viveram um amor apaixonado, conquistado contra a vontade do pai dela, que resultou em um casamento marcado por cumplicidade artística e devoção mútua. Quando Brahms, ainda jovem, conheceu o casal em 1853, desenvolveu-se entre eles uma admiração multifacetada: Robert viu no rapaz o gênio que proclamaria ao mundo; Clara encontrou um confidente musical e emocional que a acompanharia por toda a vida; e Brahms nutriu por Clara um sentimento que transcendeu a amizade, mantido, porém, nos limites da reverência.

O *Quarteto para piano em Mi bemol maior*, Op. 47, nasceu em um dos períodos mais prolíficos da vida de Robert Schumann, durante seu chamado “ano de câmara”. Naquele momento, casado com Clara há apenas dois anos, Schumann vivia a plenitude de uma união que era tanto amorosa quanto artística. Clara, pianista virtuose e compositora talentosa, foi sua musa, colaboradora e a primeira intérprete de suas obras. Lírico e expansivo, o quarteto reflete essa fase feliz na escrita generosa e equilibrada, em que o piano interage em pé de igualdade com as cordas, criando texturas ricas e trocas musicais elegantes.



Por muitos anos, Robert Schumann enfrentou uma batalha difícil contra a depressão. Em 1854, tentou se afogar no rio Reno, o que motivou sua internação em um hospital psiquiátrico em Eendenich. Clara foi aconselhada pelos médicos a não o visitar e, mesmo relutante, ela o fez para não agravar a saúde do marido. Trocaram cartas, enviadas por Brahms e, em julho de 1856, ela o viu pela primeira e última vez em dois anos – Robert viria a falecer dois dias depois. A ligação entre Clara e Brahms adensou-se em uma zona indefinida entre amor, amizade e lealdade à memória de Robert. A música foi, para os três, o território onde essas tensões se transformaram em criação, não como confissão direta, mas como elaboração estética.

A obra é estruturada em quatro movimentos que exibem vigor, lirismo e *finesse*. O primeiro movimento, depois de uma introdução lenta e reflexiva, apresenta temas apaixonados, alternando ímpeto e ternura, característica tão própria da linguagem de Schumann. Já o “Scherzo” tem energia rítmica transbordante e introduz uma dose de inquietação com várias quebras de expectativa. O “Andante”, de caráter introspectivo, parece suspender o tempo em longas frases cantáveis, refletindo o Schumann poético, capaz de imaginar melodias de tocante ternura. O movimento final retoma o espírito afirmativo, quase jubiloso, encerrando a obra com efervescente energia.

Esse quarteto realiza uma verdadeira síntese entre influências clássicas (particularmente de Beethoven [1770–1827] e Schubert [1797–1828]) e subjetividade romântica. A escrita pianística idiomática reflete a familiaridade de Schumann com o instrumento, enquanto o tratamento das cordas evidencia seu amadurecimento na música de câmara. É uma música que celebra a comunhão artística e a crença na arte como linguagem da alma.

Laura Rónai

Flautista e docente responsável pela cadeira de flauta da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. É coordenadora da Orquestra Barroca da Unirio.

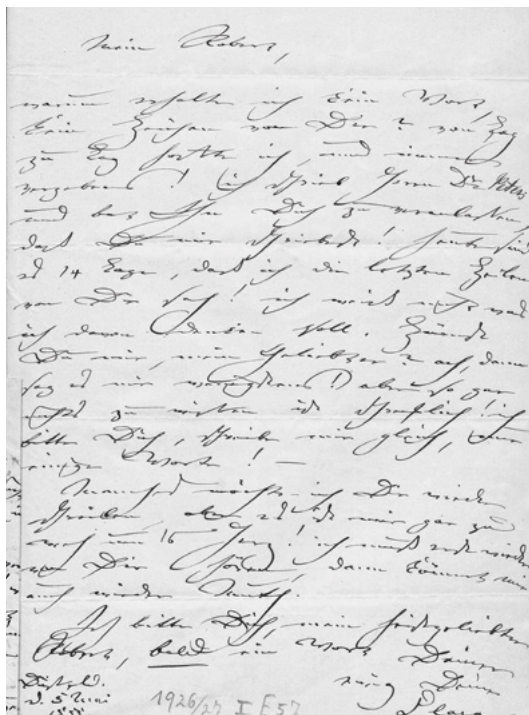
Três romances para violino e piano, Op. 22
1853

Os *Três romances* para violino e piano, de Clara Schumann, escritos em 1853, mostram outra face desse universo afetivo e são uma de suas maiores contribuições ao repertório camerístico. Compostas pouco antes do agravamento definitivo da doença mental de Robert, essas peças pertencem a um período de grande turbulência emocional na vida de Clara, marcado também pela crescente proximidade com Brahms. Estes romances foram dedicados ao violinista Joseph Joachim [1831–1907], grande amigo do casal Schumann e futuro colaborador próximo de Brahms. A escolha do título “romance” não é casual: o termo designava, no século XIX, peças de caráter lírico e intimista, frequentemente associadas à expressão de sentimentos pessoais.

O violino canta linhas amplas e flexíveis, sustentadas por um piano que não se limita ao acompanhamento, mas participa ativamente da construção poética. Cada um dos três movimentos tem atmosfera própria, transitando entre a melancolia, a paixão e a resignação. O primeiro romance, com inspiração cigana e um tema que evoca a primeira sonata para violino de Robert Schumann, apresenta uma melodia de grande nobreza, sustentada por uma escrita pianística que equilibra apoio harmônico

e participação temática. O segundo (novamente evocando uma obra do marido, o *Romance n.º 1* para oboé e piano, Op. 94) mergulha em tonalidades mais sombrias, deixando entrever uma Clara capaz de expressar angústia e inquietude. O terceiro oferece um contraste mais luminoso, embora nunca abandone certa gravidade contida. Há, nessas peças, uma atmosfera de confiança, como se a música falasse em voz baixa, explorando nuances de timbre, de respiração e de silêncio.

“Meu Robert,
 Por que você não me escreve? Um sinal seu me é tão precioso – tão precioso que eu preciso sempre voltar às suas palavras queridas, e sobretudo àquelas tão próximas do seu coração, [...] e dizer a mim mesma que elas vêm de você.” – Fragmentos de uma das cartas de Clara ao marido, datada de 5 de junho de 1855, enviada por Brahms quando Robert já se encontrava confinado em Eendenich.



Embora frequentemente ofuscada pela genialidade do marido e pela reverência que nutria por ele, Clara era uma compositora de sutileza admirável, cuja produção exhibe maestria técnica, originalidade melódica e genuína sinceridade emocional. Os *Romances* são obras de dimensão contida, mas de extraordinária densidade expressiva. Neles, Clara demonstra domínio seguro da forma breve, construindo páginas musicais de grande eloquência com meios econômicos. Longe de qualquer virtuosismo exibicionista, os *Romances* afirmam o valor de uma escrita profundamente pessoal, em que emoção e rigor caminham juntos.

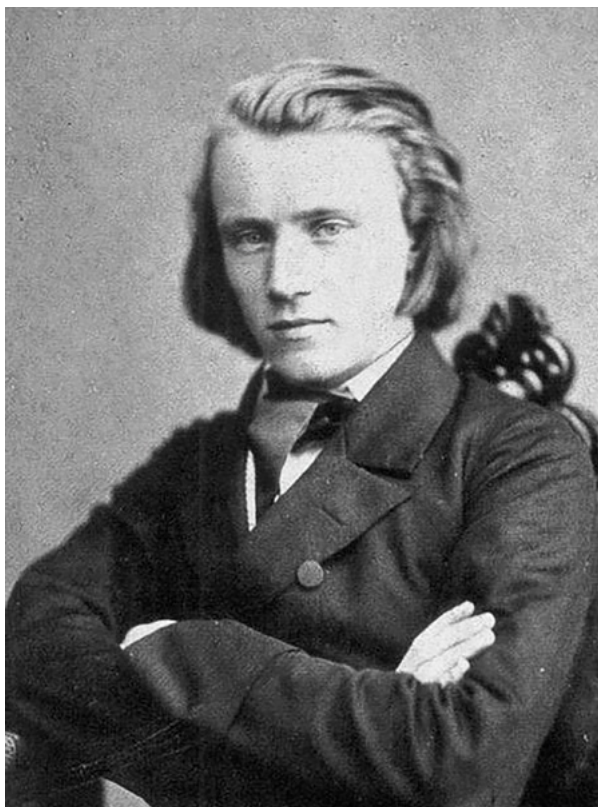
Laura Rónai

Quarteto para piano n.º 1 em sol menor, Op. 25
1861

O *Quarteto para piano n.º 1*, composto entre 1856 e 1861, foi escrito em um período marcado pela internação e morte de Robert Schumann e pela relação estreita — e carregada de ambiguidades — entre Brahms e Clara. A obra revela um jovem compositor que respeitava a tradição, ainda influenciado por seu mentor, mas já em busca de uma voz própria e inconfundível. A tonalidade de sol menor, frequentemente associada ao amor e à melancolia, perpassa a obra com intensidade dramática, embora Brahms compense os momentos de inquietação com episódios de lírica serenidade.

O primeiro movimento é impetuoso, atravessado por contrastes fortes e uma tensão quase permanente. O comovente “Intermezzo”, que substitui o “Scherzo” tradicional, é mais sombrio e contido. Trata-se de uma meditação introspectiva de rara beleza melódica, em que piano e cordas se entrelaçam em texturas de delicadeza

Em 1853, Robert enviou uma carta a Brahms após ter ouvido de Joseph Joachim sobre o jovem compositor. Johannes, então, surpreendeu os Schumann com uma visita que lhes rendeu um vínculo inesquecível, onde apresentou suas impressionantes composições ao casal. Brahms era igualmente querido tanto por Clara quanto por Robert, e seu Op. 25 consegue conjugar tradição e inovação, paixão e contenção. É impossível não perceber, nas linhas desta música, os ecos das experiências pessoais vividas pelo compositor: a admiração por Robert, o amor por Clara e a busca por uma identidade artística própria em meio a influências poderosas.



quase confessional. O “Andante con moto” oferece um momento de lirismo expansivo, de respiro emocional, uma canção sem palavras que prepara o impacto do célebre “Finale” “alla zingarese”. Inspirado em ritmos e gestos da música cigana, o movimento surpreende o ouvinte com seu ímpeto e exotismo: explode em vitalidade e brilho instrumental, sem jamais flertar com a superficialidade. Aqui, espontaneidade e controle coexistem em trama bem urdida, produzindo uma música de enorme poder comunicativo.

Laura Rónai



Quarteto Poesis

Carolina Kliemann

violino

Violinista da Osesp desde 2007, foi solista da Orquestra Experimental de Repertório, da Sinfônica da USP e da Camerata Fukuda. Foi integrante da Orquestra Municipal de São Paulo e *spalla* dos segundos violinos da Filarmônica de São Bernardo do Campo. Apresentou-se com o Quinteto do Mercosul no Networking Central Eastern Europe and Latin America (Viena).

Maria Angélica

Cameron

viola

Ingressou em 1985 na Sinfônica Municipal de Sorocaba. A partir de 1987, participou de festivais como o Encontro de Jovens Solistas de Tatuí e o Festival de Inverno de Campos do Jordão. Em 1991, entrou para a Sinfônica Jovem de Santo André e, três anos mais tarde, para a Orquestra Experimental de Repertório. Atualmente integra a Osesp.

Maria Luísa

Cameron

violoncelo

Violoncelista da Osesp desde 2000, foi primeira violoncelista na Orquestra de Câmara da Unesp, na Sinfônica de Santo André e na Sinfônica de Rio Claro. Integrou a Jazz Sinfônica de 1994 a 2000. Foi solista da Orquestra de São Caetano do Sul, da Banda Sinfônica Jovem do Estado de São Paulo e da Sinfônica de Sorocaba.

Fernando

Tomimura

piano

Pianista do Coro da Osesp, professor da Universidade Livre de Música e da Escola Municipal de Música de São Paulo. Premiado com o 2º lugar no Grande Concurso Magda Tagliaferro, atuou como concertista à frente da Brasil Jazz Sinfônica, Orquestra Jovem do Estado de São Paulo, Banda Sinfônica do Estado de São Paulo e Orquestra Experimental de Repertório.

Governo do Estado de São Paulo

Governador

Tarcísio de Freitas

Vice-governador

Felício Ramuth

Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas

Secretária de Estado

Marília Marton

Secretário Executivo

Marcelo Henrique Assis

Subsecretário

Daniel Scheiblich Rodrigues

Chefe de Gabinete

Vicenzo Carone

Diretora de Difusão, Formação e Leitura

Jenipher Queiroz de Souza

Diretora de Preservação do Patrimônio Cultural

Mariana de Souza Rolim

Diretora de Fomento à Cultura, Economia e Indústria Criativas

Liana Crocco

Chefe de Assessoria de Monitoramento e Governança de Dados Culturais

Marina Sequetto Pereira

Fundação Osesp

Presidente de Honra

Fernando Henrique Cardoso

Conselho de Administração

Pedro Pullen Parente **presidente**

Stefano Bridelli **vice-presidente**

Ana Carla Abrão Costa

Célia Kochen Parnes

Luiz Lara

Marcelo Kayath

Mario Engler Pinto Junior

Mônica Waldvogel

Ney Vasconcelos

Tatyana Vasconcelos Araújo de Freitas

Comissão de Nomeação

Fernando Henrique Cardoso **presidente**

Celso Lafer

Fábio Colletti Barbosa

Horacio Lafer Piva

Pedro Moreira Salles

Presidente e CEO

Marcelo Lopes

Diretor Jurídico, Financeiro e Administrativo

Fausto Arruda

Diretora de Gestão de Pessoas

Flavia Adrião

Diretora de Comunicação e Marketing

Mariana Stanisci

Conheça toda a equipe em:

**[fundacao-osesp.art.br/
fosesp/pt/sobre](http://fundacao-osesp.art.br/fosesp/pt/sobre)**

Próximos concertos

30 DE ABRIL, 1 E 2 DE MAIO DE 2026

O milagre de Mendelssohn e o Pássaro de Fogo de Stravinsky

Passando pela *Sinfonia nº 1*, composta por Felix Mendelssohn quando ele tinha quinze anos, o concerto culmina em uma obra de Andrew Norman, em estreia mundial e composta especialmente para o trombonista Jörgen van Rijen. O programa se encerra com o famoso e adorado balé de Stravinsky.

7, 8 E 9 DE MAIO DE 2026

Entre os orixás de Almeida Prado e o louvor de Mendelssohn

Este programa começa com o prelúdio da ópera inacabada de Alberto Nepomuceno e passa por uma sinfonia inspirada nos cânticos e na percussão do candomblé, encerrando com orquestra, coro e solistas em uma cantata de louvor de Felix Mendelssohn.



Agenda completa
e ingressos

Primeira vez na Estação Motiva Cultural? Algumas dicas

Após o terceiro sinal, a Sala de Concertos é fechada – quando for possível entrar após o início da apresentação, siga as instruções dos indicadores e ocupe discretamente o primeiro lugar vago.

O silêncio permite a escuta até das pequenas nuances da música de concerto: desligue seu celular ou coloque-o no modo avião; deixe comentários para o intervalo entre as obras ou para o final. Por favor, não filme ou fotografe durante a performance: a singularidade de cada concerto é uma das belezas das apresentações.

O consumo de alimentos não é permitido no interior da Sala: conheça nossas áreas destinadas a isso – o **Restaurante Vivace**, o **Café da Sala** e a **Cafeteria Lillas Pastia** (no interior da **Loja Clássicos**).

Acesso à Estação Motiva Cultural

Nosso **estacionamento** funciona das 6h às 22h ou até o fim do evento.

O pagamento pode ser feito no 1º subsolo ou no Hall Principal.


No Boulevard, há o estande da **Use Táxi** para agendamento de viagens, e uma área interna para embarque e desembarque de passageiros.


Também é possível acessar a Sala por **trem** e **metrô**, por meio da passagem que liga o estacionamento com a Estação Luz, aberta das 6h às 23h30; ou ainda, ao sair pelo Boulevard, seguir pela Praça Júlio Prestes à estação de trem de mesmo nome, com acesso à Linha 8 Diamante da CPTM.





Confira todos os horários de funcionamento e detalhes em: salasaopaulo.art.br/salasp/pt/gastronomia-loja

www.osesp.art.br


 @osesp_


 /osesp


 /videososesp


 @osesp

escute a osep

 spotify


 apple music

 deezer

 amazon music


 idagio

www.salasaopaulo.art.br


 @salasaopaulo_

 /salasaopaulo

 /salasaopaulodigital

 @salasaopaulo

escute as playlists da sala

 apple music

www.fundacao-osesp.art.br

 /company/fundacao-osesp/

Uirapuru - Revista da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo

Fundação Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo - Osep
Praça Júlio Prestes, nº 16, São Paulo, SP

Periodicidade seriada em fluxo contínuo, com edições dedicadas a cada programa de concerto.

Expediente

Jéssica Cristina Jardim **coordenação editorial**

Miguel Levi Molina **assistente editorial**

Pablo Mazzuco **coordenação do projeto gráfico**

Bernardo Cintra **designer**

Silas Oliveira **designer**

Imagens

P. 6 Robert e Clara Schumann em 1847, em litografia de Eduard Kaiser [1820–1895]. Domínio público

P. 9 Carta de Clara Schumann para Robert Schumann.

Sem local, 5 de junho de 1855. ©Deutsche Digitale Bibliothek

P. 11 Johannes Brahms em 1853. Domínio público

P. 12 Quarteto Poesis. ©Fabio Audi



O uirapuru é um pequeno pássaro da Amazônia, conhecido por seu canto raro e melodioso. Diz-se que traz sorte, amor ou transformação.

A lenda indígena inspirou Villa-Lobos no poema sinfônico-bailado *Uirapuru* [1917], que sugere o universo fantástico da ave por meio de solos de instrumentos de sopro.

É dessa imagem de um canto raro e profundamente ligado à paisagem sonora do Brasil que nasce também o nome da revista da Osesp.



Lei Rouanet



Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo



Estação Motiva Cultural

REALIZAÇÃO

FUNDAÇÃO OSESP
Organização Social de Cultura



SÃO PAULO

GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO SÃO TODOS

Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas

MINISTÉRIO DA CULTURA



DO LADO DO POVO BRASILEIRO